**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – S. PEDRO e S. PAULO, Apóstolos)*

**UNIDOS NA «MISSÃO VOCACIONAL»**

 Está claro e é evidente que os seres humanos somos bem diversos e variadíssimos, não apenas nas formas e feitios externos mas, especialmente, quanto à nossa personalidade, temperamento e caráter: a nossa *maneira de ser*. Isto é muito bom, em todos os sentidos, até porque «na variedade está a beleza». E sobre esta base da diversidade, é necessário construir e desenvolver *a perfeição da felicidade*, quer a nível pessoal quer a nível comunitário, já que o primeiro nível inclui e pressupõe o segundo: o ser humano – sabemo-lo muito bem – é essencialmente “social” (“sociável”, diriam outros); e por si só não se poderá *realizar felizmente*, em todas as suas dimensões, se não viver e aprofundar o seu *ambiente social* – comunitário – de contínuas relações…

 E os maiores escolhos a vencer, ou conflitos a resolver, têm a sua origem precisamente nessas nossas diversidades, naqueles nossos temperamentos díspares… Não é verdade? A gente costuma dizer: “Como somos diferentes!”. E outros completam: “Mas é aí que está a nossa riqueza complementar!”. Pois é, mas não deixa de causar atritos e conflitos. Com certeza, mas por paradoxal que possa parecer, é exatamente isso que constituirá finalmente a nossa *fortuna e felicidade* pela variedade e diversidade*.*

 Aconteceu em Pedro e Paulo, duas grandes personalidades, dois temperamentos fortes, e em bastantes aspetos, tão díspares quanto complementares… Lembramos aqueles primeiros *encontros* e *desencontros*. Na sua *Carta aos Gálatas*, Paulo dá conta disto, a começar pelo seu primeiro *encontro* com *Cefas* ou Pedro, após a sua conversão: *“Passados três anos, subi a Jerusalém, para conhecer a Cefas, e fiquei com ele durante quinze dias”.* (Gl 1, 18). E já nos primeiros tempos da *missão evangelizadora*, apareceu claro que os seus *campos de apostolado* eram distintos, embora complementares: *“A mim* *foi-me confiada a evangelização dos gentios e a Pedro a dos judeus”* (cf. Gl 2, 7-8). Também é certo que, em determinadas questões, logo nas primeiras fases dos seus afazeres apostólicos, foi preciso discordarem, e aí Paulo foi mesmo radical: *“Tive de me opor frontalmente a Cefas porque estava a comportar-se de modo condenável”* (cf. Gl 2, 11-14).

 Mas no fundamental, como é evidente, foram, ambos os dois, fiéis até ao fim…

Já desde as primeiras perseguições, vemos Pedro sentir o peso das *prisões* e experimentar aqueles incómodos *grilhões*: *“O rei Herodes… mandou prender Pedro e metê-lo na cadeia… onde permanecia entre dois soldados, preso a duas correntes”* *(At 12 / 1ª L.).* Quanto a Paulo, as perseguições e padecimentos foram uma constante na sua vida: *“Eu já estou oferecido em libação… Combati o bom combate, terminei a minha carreira… O Senhor esteve a meu lado e deu-me força… E eu fui libertado da boca do leão” (2 Tm 4 / 2ª L.).* Até chegar a dar a vida, um e outro, cruentamente, no mesmo *martírio* – que foi a sua «páscoa final»! – naquela mesma e derradeira estação da respetiva “via-sacra”, em Roma.

Para já não falar da sua comum adesão e fidelidade radical a Cristo Jesus, ao longo de toda a sua vida, que foi aquilo que mais fortemente associou e uniu estas duas colunas fundamentais da nossa Igreja, da Igreja dos Apóstolos, da Igreja de Cristo. Sim, aquela mesma Igreja que, já desde os inícios, *“orava instantemente a Deus por Pedro”* (At 12) quando ele estava preso nas masmorras de Jerusalém. Essa mesma Igreja que, apesar de todas as tempestades, perigos, conflitos e perseguições… (e já lá vão vinte séculos!) continuará *sempre viva, a navegar* como *barco* e *porto de Salvação* para todos os homens. E não podia ser de outro modo, uma vez que estava anunciado desde o início, pelo seu Fundador e Cabeça, Jesus Cristo, que *“as portas do inferno não prevalecerão contra esta Igreja (edificada sobre a pedra que é Pedro)” (Mt 16 / 3ª L.)*.

 Temos, portanto, estes dois modelos para imitar, ao longo da nossa vida… até podermos dizer como eles, cada um de nós: “O meu viver é Cristo” (de Paulo). E tudo deve começar por um ato de fé e aceitação da pessoa de Cristo Jesus como Messias Salvador que, se formos simples e sinceros (qual Pedro), nos será revelado pelo Pai Deus. *“«E vós, quem dizeis que Eu sou?». Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». Jesus respondeu-lhe: «Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus»…” (Mt 16).*

É verdade, ó Pai, que só aos *simples*

revelas o mistério do Teu Filho;

por isso os humildes escutam e se alegram,

e as nossas almas gloriam-se em Ti…

Porque este pobre clamou e Tu o ouviste,

e o salvaste de todas as suas angústias.

Como os Teus amigos Pedro e Paulo,

passaremos por perigos e aflições;

poderão vir sobre nós raios e coriscos…

mas o Teu anjo protege os que Tu amas,

e os defenderá sempre de todos os perigos.

Contamos com a ajuda da Tua graça

e com o alento e força da Tua amizade

para percorrermos esta via terreal,

com a radicalidade de Paulo,

até *“já não sermos nós a viver,*

*mas Cristo, Teu Filho, a viver em nós”*…

e com a pronta fidelidade de Pedro,

até chegar *à mesma cruz* do Mestre Jesus…

E assim, como eles e com eles,

convidar os fiéis de todos os tempos:

– proclamando aos quatro ventos –

«Saboreai e vede como o Senhor é bom!».

[ do Salmo Responsorial / Sl 33 (34) ]